

## LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

### Sindicato e leitura

Há décadas, o sindicato da educação, seja no Rio de Janeiro, seja no Acre, agonizou-se por causa de uma luta político-educacional que se movimentou para ser oposição quando o Poder Executivo fosse representado por não afinidade ideológica. Como se ainda não fosse muito pouco, a luta não foi pela educação, e sim, e sempre, e sem exceção, por aumento salarial. Hoje, o sindicato não mais agoniza, pois, após tantas Velhas Palavras, Velhas Práticas, Velhas Derrotas, não possui nem a utilidade de um indigente cadáver. O sindicato da educação vaga no tempo como erro.

Imagem criada pela IA Flux Pro



A natureza do capital é criadora, mas de uma criação antropofágica, sendo sempre outra sem deixar de ser a mesma, enquanto a luta educacional em relação ao poder ajoelha-se diante do marxismo vulgar para afirmar a verdade de ser contra o que se opõe a ela. Se o capital nega o dogma, a luta sindical jamais negou a liturgia de sua missa. Em razão disso, o capital sabe criar linhas de fuga, e a luta educacional as desconhece por acreditar na dialética hegeliana, mas tal dialética não passa de falso movimento.

É preciso reinterpretar Proudhon e, quando digo reinterpretá-lo, digo, primeiro, entender sua dialética serial, dialética sem síntese, sempre aberta, cuja origem filosófica é Platão, e Proudhon o leu. Em virtude dessa dialética ter atravessado séculos sobre séculos, o pensador francês compreendeu uma forma de luta política dentro de instituições, cujo movimento [ou dialética] nega a oposição entre ser-e-não-se, entre burguês-e-operário.

Proudhon supera o dualismo ao defender a ideia de o operário adquirir conhecimento, o que significa ter acesso a leituras. Assim, olhando para Proudhon, o sindicato da educação deveria entender a urgência da política de leitura de Estado, o que implica sala de leitura adequada, leitura de livro [sem pdf.] e dicionário [sem pdf.], com a finalidade de assegurar a forma tradicional ou clássica da experiência estética ou com Clarice Lispector, ou com Orwell, ou com Raduan Nassar.

Indiferente à ideologia, o sindicato deveria propor, e sempre, aos Poderes Executivo e Legislativo uma política de Estado que defenda a forma tradicional de o estudante ler obras clássicas, atemporais. Lutar na escola por leitura é luta política Menor segundo Deleuze ou, como diria Foucault, luta microfísica. O professor lê o livro na escola com os alunos para buscar a melhor interpretação. O grande ato depende do pequeno. Proudhon é mais revolucionário.



Moyseis Marques, Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti e Pedro Miranda são artistas ligados à recuperação da Lapa

# Desengaiolados e livres para cantar

Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti, Moyseis Marques e Pedro Miranda recebem convidados em temporada de quatro terças-feiras no Teatro Ipanema

Por Affonso Nunes

Quatro amigos, quatro compositores, quatro cantores, quatro passaros, quatro talentos, quatro grandes sujeitos. Está aí a receita do Desengaiola, a reunião musical de Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti, Moyseis Marques e Pedro Miranda, que ocupa o palco do Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa durante todo o mês de outubro, dentro da programação do projeto “Terças no Ipanema”. A temporada acontece nas terças-feiras dos dias 7, 14, 21 e 28, sempre às 20h.

A cada apresentação, o quarteto recebe um convidado especial que enriquece ainda mais o repertório. Nesta terça (7), quem divide o palco com os quatro é a cantora Áurea Martins, seguida por Joyce Moreno no dia 14. Os “cantautores” Mos-

quito e Pedro Luís completam a série de participações especiais nos dias 21 e 28, respectivamente.

O espetáculo tem como base o “áudio-visual” “Desengaiola”, lançado pelos selos Som Livre, MP B Discos, uma produção que documenta o encontro dos quatro músicos nas gravações ao vivo num sítio no interior do estado. O trabalho reúne 18 faixas, sendo 16 delas autorais.

O projeto foi indicado ao Latin Grammy e conquistou o Prêmio da Música Brasileira na categoria Projeto Especial em 2023. Desde o lançamento, Alfredo, João, Moyseis e Pedro têm percorrido o Brasil com apresentações, além de ter realizado uma bem-sucedida turnê europeia que passou por Paris, Porto, Lisboa, Barcelona e Madrid.

O repertório desta ocupação no Teatro Ipanema inclui composições autorais como “Alameda Palmares”, “Luz do Meu Terreiro”

e “Fuzuê”, esta última em parceria com Chico César. Há também as versões do grupo para “Puro Ouro”, de Joyce Moreno, e “Alagados”, clássico dos Paralamas do Sucesso. Mas se uma canção simbliza a reunião dos quatro amigos esta é “Desengaiola”, de Alfredo e Pedro com os versos “Deixa esse passarim chegar, pousar, se aninhar. Se aconchegar na palma da mão / E a melodia vem como se fosse um colibri / Um pintassilgo, ou uma sabiá / Deixa o seu coração te levar, decolar / Desengaiola a inspiração / Que como o passarim, seu doutor / Tem que ser livre pra poder voar”.

O encontro dos quatro artistas começou há mais de 20 anos, no florescer da reocupação cultural da Lapa. Alfredo, João, Moyseis e Pedro estiveram na gênese de alguns dos grupos mais importantes daquela cena, como Casuarina, Cordão do Boitá, Grupo Semente e Anjos da Lua, e sempre estiveram presentes uns nos álbuns e shows dos outros, até formatarem, em 2012, o show “Segunda Lapa”, quando se juntaram pela primeira vez no palco.

### SERVIÇO DESENGAIOLA

Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema)

De 7 a 28/10, sempre às terças (20h), 14, 21 e 28 de outubro | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)